

PARA ALÉM DO CERTO E ERRADO, DO BEM E DO MAL: CONHECENDO MELHOR MARSHALL BERTRAM ROSENBERG E SEU PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

Listhiane Pereira Ribeiro¹
Cezar Luis Seibt²

Resumo: Esse artigo surgiu a partir da constatação de que havia poucas informações sobre quem foi o psicólogo norte-americano Marshall Bertram Rosenberg (1934-2015), sua trajetória e o processo de construção da Comunicação Não Violenta (CNV). Devido a essa lacuna, foi realizada uma pesquisa qualitativa e documental a partir de entrevistas concedidas por Rosenberg a interessados de vários países, mas também através de dados obtidos por gravações de treinamentos desenvolvidos por ele. No Brasil, o autor e sua obra são mais conhecidos como apoio na resolução de conflitos e na Justiça Restaurativa. Entretanto, ao aprofundar o conhecimento no percurso de Marshall Rosenberg, ficou claro que sua intenção era ensinar e facilitar para que outras pessoas se tornassem multiplicadoras dessa modalidade de linguagem, pensamento e comunicação; acreditava que com isso poderia promover mudanças sociais.

Palavras-chave: Marshall Rosenberg. Comunicação Não Violenta. Revisão biográfica.

BEYOND RIGHT AND WRONG, GOOD AND EVIL: GETTING TO KNOW MARSHALL BERTRAM ROSENBERG BETTER AND HIS PROCESS OF BUILDING NONVIOLENT COMMUNICATION

Abstract: This article arose from the realization that there was little information about who was the american psychologist Marshall Bertram Rosenberg (1934-2015) was, his trajectory and the process of building Nonviolent Communication (NVC). Due to this gap, a qualitative and documentary research was carried out based on interviews given by Rosenberg to interested people from several countries, but also through data obtained from training recordings developed by him. In Brazil,

1 Graduada em Psicologia, mestre em Ciências Sociais, doutoranda em Psicologia. Instituto Federal de Minas Gerais, Campus Ribeirão das Neves, IFMG/RN; Universidade Federal do Pará, UFPA.

2 Graduado em Filosofia e Psicologia. Doutor em Filosofia. Docente da Graduação e Pós-Graduação da UFPA.

the author and his work are best known for supporting conflict resolution and Restorative Justice. However, when deepening the knowledge in the course of Marshall Rosenberg, it was clear that his intention was to teach and facilitate for other people to become multipliers of this modality of language, thought and communication; he believed that this could promote social changes.

Keywords: Marshall Rosenberg. Nonviolent Communication. Biographical review.

1 INTRODUÇÃO

A Comunicação Não Violenta (CNV), abordagem desenvolvida pelo psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg a partir da década de 1960, tem recebido cada vez mais visibilidade no Brasil.

No ano de 2005 a CNV foi utilizada em projetos piloto de Justiça Restaurativa nas cidades de Porto Alegre e em São Paulo. Por isso, se tornou conhecida principalmente por mediadores de conflitos, mas, ao longo dos anos se expandiu a outras áreas, conquistando presença em *podcasts*, *lives*, *posts* de redes sociais, cursos, eventos. O principal livro, cujo título é homônimo à abordagem, tornou-se um *best-seller*. Possui linguagem acessível e recomendações de leitores famosos, prática muito comum em livros de autoajuda. O tema tem sido tão bem recebido em solo brasileiro, que entre os anos de 2019 e 2020, 8 livros³ de Marshall Rosenberg foram traduzidos para o português, sendo também publicados outros livros, técnicas e jogos desenvolvidos por profissionais que se dedicam ao assunto.

A CNV é um convite a observar ‘o que está vivo em nós’. É uma proposta de ouvir e falar que valoriza a humanidade que existe em nós e nos outros, através da atenção aos sentimentos e necessidades humanas. Parte de uma lógica cooperativa que valoriza a empatia, o cuidado, a conexão.

Mas quem foi Marshall Rosenberg? Em seus livros (ROSENBERG, 2006A; 2019A; 2019B; 2020), Rosenberg se apresentava de forma breve, deixando lacunas de compreensão quanto a sua trajetória pessoal e profissional. Observamos que as entrevistas que Rosenberg concedeu a Van Gelder (1998), Killian (1999, 2003), Cullen e Kabatznick (2004A), Moore (2004B), Stierle (2005) e Montbuleau (s.d.) contêm elementos importantes, mas eram curtas e focavam nos aspectos centrais da CNV. Quando se referiam à biografia de Rosenberg, geralmente se limitavam a duas

3 São eles: (2019) *A linguagem da paz em um mundo de conflitos: sua próxima fala mudará seu mundo*; (2019) *Criar filhos compassivamente: maternagem e paternagem na perspectiva da Comunicação Não Violenta* (somente este livro recebeu duas edições no mesmo ano); (2019) *Vivendo a Comunicação Não Violenta: como estabelecer conexões sinceras e resolver conflitos de forma pacífica e eficaz*; (2019) *O surpreendente propósito da raiva*; (2020) *Amo você sendo quem sou*; (2020) *Juntos podemos resolver essa briga: paz e poder na resolução de conflitos*; (2020) *Superando a dor entre nós: restabelecimento e reconciliação sem fazer concessões*; (2020) *O coração da transformação social: como fazer a diferença no seu mundo*.

ou três situações vividas por ele⁴. Os materiais mais completos a que tivemos acesso sobre a sua vida foram coletados pelos alemães Al Weckert, que é um instrutor de Comunicação Não Violenta e Reiner Steinweg, que é um pesquisador dedicado ao tema da paz e da não violência.

Apoiados principalmente nestes materiais, mas compilando informações providas de outras entrevistas e gravações de treinamentos promovidos por Rosenberg, é que apresentaremos uma pequena biografia do autor⁵. Entendendo a importância de compreender o seu contexto histórico para também compreender a sua visão de mundo e sua construção de conhecimento, é que nos propusemos a essa revisão biográfica.

2 A INFÂNCIA E AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS COM A VIOLÊNCIA

Marshall Bertram Rosenberg nasceu em 6 de outubro de 1934 na cidade de Canton no estado de Ohio nos Estados Unidos. Sua mãe era Jean Wiener Rosenberg e seu pai Fred Donald Rosenberg. Jean era uma jogadora profissional de boliche e de cartas, sendo uma apostadora de alto risco. Fred trabalhava com carregamento de caminhões com estoque de supermercado. Os pais de Rosenberg se divorciaram duas vezes, sendo a primeira delas quando ele tinha três anos de idade. Calvin, seu único irmão, nasceu quando ele tinha sete anos. Era uma família de judeus não praticantes e que dispunha de poucos recursos financeiros (ROSENBERG, 2013).

Viviam na cidade de Steubenville, mas devido a uma oferta de emprego de Fred, eles se mudaram para Detroit, cidade pertencente ao estado de Michigan, pouco antes de eclodirem os distúrbios raciais. Acontecia naquele momento a 2ª Guerra Mundial. A cidade experimentava um aumento populacional principalmente de imigrantes, brancos e negros que competiam por moradias e colocações profissionais junto às indústrias automobilísticas da Ford e da General Motors⁶. A primeira experiência de Rosenberg (2006A) com a violência foi nesse período. Devido aos confrontos, em quatro dias 34 pessoas foram assassinadas e 433 ficaram feridas no bairro que ele residia, que era habitado em sua maioria por

4 Suas primeiras experiências com a violência quando mudou para Detroit; os cuidados que a família oferecia a avó adoecida; suas inquietações, primeiras ideias que motivaram sua busca pela Psicologia como uma forma de “solução” diante da violência; assuntos estes que serão aqui tratados.

5 Segundo Al Weckert (ROSENBERG, 2014), até mesmo os companheiros de Rosenberg tinham apenas conhecimento parcial sobre a vida dele e várias histórias são datadas de maneira imprecisa. O *Center for Nonviolent Communication* (CNVC), desenvolvido por Marshall Rosenberg não apresenta informações detalhadas sobre a vida dele, mas direciona a um *link* do *Wikipedia*. Por isso, esse material também foi considerado.

6 Destaca-se que essas empresas prosperaram durante a 1ª Guerra Mundial, mas logo em seguida sentiram o impacto da Grande Depressão que culminou em muitos desempregados. A 2ª Guerra foi vislumbrada como uma oportunidade de reerguer essa economia e gerar novos postos de trabalho, já que estas empresas atendiam a demanda de construção dos veículos militares.

pessoas negras. Aos nove anos ele descobriu que as pessoas poderiam ser agredidas e mortas devido a cor de sua pele.

A segunda experiência significativa com a violência aconteceu logo em seguida, na escola. Foi quando o professor leu seu nome para a turma e um colega perguntou se ele era um “*kike*” - um insulto direcionado aos imigrantes judeus dos EUA daquele período. No final do dia dois de seus colegas o encurralaram para espancá-lo. Essa situação ampliou sua percepção sobre os “motivos” que levariam uma pessoa a ser agredida: além da cor de pele também a fé, ou, como no caso dele, apenas o sobrenome. Rosenberg (1998) chegou a relatar que sua maior dor não foi a física, mas aquela sentida diante os sorrisos nos rostos dos espectadores que observavam a cena.

Nas poucas vezes em que Rosenberg (2013) compartilhou com seus parentes o medo da violência, eles reagiram com histórias de horror ainda piores sobre a Rússia ou o Holocausto. Falavam sobre *pogroms* e *cossacos*, as câmaras de gás e os campos de concentração. Eles queriam confortá-lo, mas não era esse o resultado atingido.

Apesar da estreita proximidade com a violência, Rosenberg também conseguiu ter outras referências. Durante vários anos sua avó materna, Anna Satovsky Wiener, ficou deitada ou sentada, incapaz de falar qualquer palavra. Acometida pela Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), ficou paraplégica. O avô também demandava cuidados. Devido à senilidade, ele ocasionalmente andava nu pelas ruas do bairro. Além disso, uma tia materna foi retirada de uma casa de repouso e foi hospedada na casa de sua família (ROSENBERG, 2013). Seu tio Julius era farmacêutico e ia diariamente até sua casa para oferecer cuidados à avó. O que despertou a atenção de Rosenberg é que, embora fizesse um serviço considerado “sujo”, o tio o fazia com um sorriso nos lábios. Assim, ele percebeu que existiam “dois tipos diferentes de sorrisos” (BAZIRAKE; ZIMMERMANN, 2018, p.247).

Anos mais tarde, Rosenberg teve a oportunidade de conversar com o tio e perguntar a receita da empatia, e o tio Julius teria lhe respondido que teve bons exemplos, se referindo a própria avó de Rosenberg. Circularam histórias (ROSENBERG, 2013) sobre como Anna havia educado com sucesso seus nove filhos em completa pobreza. Seu lema era: “nunca ande, quando você pode dançar”. Embora ela fosse muito obesa, organizava aulas de dança para crianças trabalhadoras e com frequência acolhia pessoas em sua casa, para que seus filhos “raramente dormissem na própria cama”. Um dia, um mendigo bateu à porta, apresentando-se como “Jesus, o Senhor”. “Jesus” ficou hospedado na casa de Anna por sete anos, e também um alfaiate desempregado do distrito morou com a esposa e os filhos na casa de Anna durante três anos.

Rosenberg (2013) descrevia o pai como um homem sem emoção. Em sua juventude ele se reconhecia tanto no pai quanto no avô, já que eram homens que expressavam pouco seus sentimentos e mantinham uma postura reclusa. A mãe, ao contrário, apresentava uma personalidade forte, expressiva e essas diferenças eram motivo de brigas intensas entre o casal. O autor em questão afirmava que “ela poderia

ter sido uma líder se já houvesse maior liberdade das mulheres naquele momento” (ROSENBERG, 2013, texto digital, tradução nossa). Em sua prática regular de jogos, Jean convivia com indivíduos marginalizados da sociedade: homossexuais, trabalhadoras do sexo, pessoas em conflito com a lei e, pela proximidade com essas pessoas, desfrutou da proteção da máfia judaica *Purple Gang*.

Incentivado pela mãe que o orientava a agredir “sempre que necessário”, Rosenberg usava da violência para resolver seus problemas e se afirmar como homem. Frequentemente se envolvia em brigas e ficava muito machucado, chegando a ser hospitalizado com ossos quebrados. Nas ruas, ele tinha a reputação de um bandido temido e tornou-se treinador de boxe dos jovens da cidade. Em sua trajetória estudantil foi expulso de três escolas, e ele próprio se auto intitulava como um *hooligan*. Adotou hábitos violentos, aprendeu a esconder o medo e assustar os outros, o que mais tarde quando adulto se propôs a mudar, exigindo-lhe um esforço para desaprender, conforme seus próprios relatos (ROSENBERG, 2013). Seu irmão Calvin, ao contrário, era sociável e extrovertido. Devido às diferenças de comportamento entre eles, se mantiveram afastados por décadas.

Como a família se desdobrava nos cuidados de três pessoas doentes: os avós e a tia, Rosenberg (2013) se tornou cada vez mais invisibilizado e isolado. Internalizou o ódio e a rejeição cultural de que era alvo pela origem judaica e passou a odiar sua família e religião. Se sentia uma minoria desprezível e invejava os cristãos. Durante anos negou seu nome, principalmente às mulheres.

No ano de 1950 a família mudou novamente de residência, agora para uma própria, em uma área mais tranquila da cidade. Com isso Rosenberg mudou também de escola, passando a frequentar a *Cooley High School*, onde se sentiu seguro, aceito e popular pela primeira vez. Em 1953, para concluir o equivalente ao Ensino Médio, escreveu um artigo sobre psicologia criminal.

Partindo do pressuposto de que seria da natureza humana gostar de dar e receber de forma compassiva, se dedicou a compreender duas questões: “o que acontece que nos desliga de nossa natureza compassiva, levando-nos a nos comportarmos de maneira violenta e baseada na exploração das outras pessoas? E, inversamente, o que permite que algumas pessoas permaneçam ligadas à sua natureza compassiva mesmo nas circunstâncias mais penosas?” (ROSENBERG, 2006A, p.19). Foram essas inquietações que o levaram até a graduação de Psicologia e a um Estudo Comparado de Religiões⁷, o qual Rosenberg (1998) conduziu de modo autodidata, durante cerca de um ano. Através de seus estudos, ele concluiu que é a nossa educação que nos desconecta de nós mesmos e que desumaniza os outros, através de um pensamento dicotômico que estabelece “certos” e “errados”, “bons” e “ruins”. Para Marshall Rosenberg, o que cria violência é um modo de

7 É possível que tenha sido durante esse estudo que Rosenberg teve acesso as obras de Jiddu Krishnamurti (Teosofia), Rumi (Islamismo), Dalai Lama (Budismo), Mahatma Gandhi (Hinduísmo), Walter Wink (Metodista Cristão), autores que ele citou em vários livros, treinamentos e entrevistas.

pensar, um tipo de linguagem, um modo de usar o poder, sendo a CNV uma proposta de mudança de paradigma.

3 TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E ALGUMAS OBRAS

De origem pobre, Rosenberg foi o primeiro de sua família a fazer um curso superior. Estudou na *Wayne State University*, depois se transferiu para a Universidade de Michigan, mas concluiu os estudos na Universidade de Wisconsin-Madison. Nessa instituição, no ano de 1958, Rosenberg apresentou a dissertação de mestrado intitulada *Organizational Structure, Rigidity of Training Atmosphere and Intensity of Guilt Feelings*. Mas foi durante o doutorado que ele conheceu professores que o influenciariam de forma decisiva em sua atuação subsequente: Michael Hakeem e Carl Ransom Rogers.

Segundo Rosenberg (1996) o professor de Sociologia Michael Hakeem era impopular, tanto entre os estudantes quanto entre os colegas do corpo docente, porque era polêmico. Criticava a atuação da Psiquiatria e da Psicologia clínica, principalmente o diagnóstico da neurose e apontava a importância de enxergar para além do paciente, contemplando também as estruturas sociais em que ele está inserido. Denunciava os perigos políticos e sociais, especialmente quando apresentados sob a metáfora da “doença”, misturando julgamentos de valor com avaliações científicas. Tais argumentos do professor foram um convite à reflexão. Nas instituições em que Rosenberg atuava, ele observava os jogos de poder disfarçados de linguagem clínica. A partir disso, confirmou que estava equivocado ao supor que a violência pudesse ser um adoecimento, passível de tratamento ou cura. Com isso, visualizou melhor os contornos sociais, da aprendizagem, que influenciam o fenômeno da violência.

O psicólogo Carl Rogers se tornou professor da Universidade de Wisconsin no último ano do doutorado de Rosenberg. Por esse motivo, ele acreditava que teve muita sorte pela oportunidade de conhecer e estudar com Rogers. Mas foi um período difícil, que Rosenberg relatou em uma entrevista: “Foi um momento muito infeliz para Rogers. Ele foi levado para lá, esperançosamente, para ajudar a transformar o departamento clínico, que era o ‘enteado’ do departamento de pesquisa, mas os ‘lobos’ eram muitos, mais do que ele poderia suportar” (ROSENBERG, 1996, p.3, tradução nossa). Na concepção de Rosenberg, Rogers não teve condições que facilitassem seu trabalho.

Naquele período, por volta de 1961, Carl Rogers pesquisava, juntamente com Eugene Gendlin, Donald Kiesler e Charles Truax, a eficiência da Terapia Centrada no Cliente (mais tarde renomeada Abordagem Centrada na Pessoa) em pessoas diagnosticadas com esquizofrenia, no hospital onde Rosenberg trabalhava. Por isso, Rogers o convidou para que ele fosse um dos terapeutas do estudo. A pesquisa foi publicada na íntegra anos depois, em 1967, dando origem a um livro que nunca foi traduzido ao português: *The Therapeutic Relationship and Its Impact: A Study of Psychotherapy With Schizophrenics*. Os resultados do estudo apontavam para a importância da empatia, sinceridade, autenticidade e igualdade na relação

terapeuta-cliente no processo de cura. O estudo questionou as formas dominantes de terapia da época, especialmente a Psicanálise, sendo enfatizada a importância do reconhecimento de sentimentos para o processo terapêutico. Essa proximidade com um expoente da Psicologia Humanista foi imprescindível para a posterior concepção da Comunicação Não Violenta, de modo que Rosenberg teceu agradecimentos a Carl Rogers em algumas de suas obras (ROSENBERG, 2006A; 2019A).

Em 1961 Marshall Rosenberg recebeu o Ph.D. em Psicologia Clínica da Universidade de Wisconsin-Madison, com a apresentação da pesquisa intitulada *Situational Structure and Self-evaluation*. Ainda neste ano ele iniciou a atuação como psicólogo clínico em um consultório em que era sócio, na cidade de Saint Louis, no estado de Missouri. E se casou com Vivian, com quem teve três filhos: Rick, Marla e Brett. A família desfrutava de uma condição financeira confortável, moravam em casa própria e grande, perto do consultório, tinham alguns carros e todos os filhos do casal estudavam em escola particular.

Inspirado pela pesquisa de Rogers, Rosenberg começou a reunir e organizar elementos que mais tarde viriam a se tornar um processo ou modelo de interferência em situações de violência⁸. Pretendia identificar se poderia treinar as pessoas para o desenvolvimento de habilidades concretas, e começou a fazer isso com as famílias que o procurava no consultório particular. Ficou satisfeito com os resultados. Por vezes, bastavam poucas sessões com as famílias, mostrando-lhes concretamente como estavam contribuindo para os problemas com os filhos a partir dos modos de comunicação em uso. Dentro de uma ou duas sessões, obtinha resultados muito mais efetivos do que em seis meses ou em um ano conversando com as pessoas sobre suas histórias (ROSENBERG, 1996).

Ao mesmo tempo, começou a surgir no consultório grande demanda de crianças com dificuldades de aprendizagem. Como seu conhecimento em Psicanálise se mostrava insuficiente para aqueles atendimentos, Rosenberg (1996) participou de um programa de aprendizagem, contactou profissionais especialistas em diversas áreas, e após cerca de seis meses organizou um modelo de orientações, direcionado para pais e educadores. Mas não era uma área em que Rosenberg estava interessado em atuar. Sua intenção era escrever um livro para apresentar o que havia compilado e aprendido. Assim, em 1968 publicou *Diagnostic Teaching*. Entretanto, com a repercussão ele passou a receber pessoas de todo o país querendo que ele as ajudasse nas dificuldades de aprendizagem dos filhos. E as escolas agora queriam que ele treinasse seus profissionais.

Rosenberg apresentou seu trabalho na primeira Conferência Americana de Terapia Familiar, experiência que foi destacada por ele como um momento importante na sua vida profissional e pessoal. Era a primeira vez, de acordo com

8 O modelo da CNV é composto por 4 etapas, as quais serão apresentadas mais à frente. Embora esse modelo seja referência para explicar como conduzir uma Comunicação Não Violenta, em vários momentos Rosenberg frisou que não se trata de uma mecânica, mas de um processo fluido. A CNV seria uma forma de linguagem, de comunicação, de pensamento, de consciência.

seus relatos (2014), que estava sendo reconhecido por suas contribuições e não por causar problemas, como acontecia em sua infância e adolescência.

No consultório, Rosenberg (1996) e os seus dois sócios estavam em um momento exitoso. Era o primeiro consultório na grande cidade de St. Louis, Missouri, que propôs programas de intervenção. Rosenberg era o coordenador do programa clínico e educacional, e seus colegas eram responsáveis pelo setor industrial. Eles tinham tantos clientes quanto queriam, recebiam uma boa soma de dinheiro e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido.

Mas também nesse período, Rosenberg teve acesso ao artigo *Giving Psychology Away* de George Miller, então presidente da Associação Americana de Psicologia. As ideias de Miller, de que os conhecimentos psicológicos deveriam ser usados livremente por aqueles que os necessitam, ou seja, de que a Psicologia deveria ser ofertada, distribuída amplamente, iam ao encontro com o que Rosenberg acreditava e queria realizar.

Assim, Rosenberg (1996) não via problemas em compartilhar seu conhecimento especializado com qualquer tipo de clientela, fosse ela pagante, acadêmica, ou não. Apresentava o que sabia a diversos públicos, inclusive a potenciais clientes ou a potenciais concorrentes. Ao partilhar suas técnicas e conhecimentos nas escolas, por exemplo, Rosenberg as instrumentalizava de modo que elas se tornavam independentes e não precisavam mais encaminhar clientes. Fazia isso porque não queria disponibilizar o serviço apenas para pessoas que dispunham de dinheiro. Tal prática rendia contínuas discussões, e seus sócios entendiam isso como uma atuação de assistente social, não de psicólogo de um consultório particular; de modo que a divergência acarretou no encerramento da parceria. Rosenberg percebeu que precisava redefinir o que estava fazendo. Não estava satisfeito com a identidade de clínico, e se via como um tipo de educador que organizou um modelo de comunicação que poderia estar acessível e servir para o bem de muitas pessoas. “O desejo de Marshall [era o] de colocar as pessoas acima dos lucros” (OBITUARIES, 2015, texto digital, tradução nossa).

Por volta desse período ele teve também uma experiência como professor universitário. Inspirado em Rogers, Rosenberg visualizava a possibilidade de conduzir o ensino a partir da curiosidade, interesse, criatividade dos estudantes e questionava a autoridade coercitiva, priorizando estratégias para minimizar a distância hierárquica entre ele e os estudantes. Mas sua proposta de atuação, que dispensava avaliação por notas, incomodou o coordenador do curso. Embora Rosenberg tenha se colocado a disposição para oferecer uma declaração clara sobre o que os alunos estavam, ao final da disciplina, habilitados a desenvolver e o que não, sua postura ia na contramão do que era realizado na instituição e logo foi demitido. Ele também não quis buscar outras oportunidades nessa carreira, mas a partir disso surgiram novos questionamentos:

Será que desenvolvemos plenamente a nossa capacidade de permanecermos humanos mesmo quando estamos em instituições que tornam para nós um desafio permanecermos humanos? Será que aprendemos a expressar a nossa

humanidade mesmo quando somos rotulados [...] como sendo superiores ou inferiores? Será que desenvolvemos totalmente a nossa capacidade de ver o lado humano das pessoas em posição de autoridade que não são capazes de ficar conectadas à sua humanidade e que falam uma linguagem de dominação, que usam táticas punitivas? Será que desenvolvemos plenamente a nossa capacidade de ver a humanidade nessas pessoas [...] para além das formas que temos sido treinados? (ROSENBERG, 2006C, texto digital, traduzido pelo CNV em Rede).

Assim, ele “se tornou motorista de táxi e usava o tempo livre para explorar maneiras novas e significativas de aplicar seu treinamento profissional para reduzir várias formas de violência e disseminar habilidades de pacificação” (OBITUARIES, 2015, texto digital, tradução nossa). Com os novos rumos na trajetória profissional, o próprio Rosenberg (2014) escreve que sua família teve uma considerável queda no padrão de vida e ele e sua esposa Vivian se divorciaram.

No final da década de 1960 Rosenberg teve uma vida errante. Era convidado por diversas pessoas para falar sobre as ideias que mais tarde dariam forma à Comunicação Não Violenta. Mesmo com pouco dinheiro ele ia, pegava caronas, dormia com amigos ou nas ruas em um saco de dormir, porque pagar hospedagem em hotéis durante essas viagens ficava dispendioso. O problema aumentava quando chovia, pois nessas ocasiões ele buscava por lugares cobertos para dormir próximo de algum edifício. Por isso, ele chegou a ser abordado por policiais algumas vezes (ROSENBERG, 2006B, texto digital, traduzido pelo CNV em Rede).

Apesar dos desafios, Rosenberg (1996) avaliou que essas experiências foram de grande aprendizado. Estava dirigindo um táxi para garantir sua sobrevivência e não precisar pedir ajuda. Na sua concepção, tinha sido muito mimado. Tão logo havia iniciado, tempos antes, as atividades do consultório, as pessoas ligavam e imploravam por seus atendimentos em fila de espera. Tudo aconteceu por meio da rede de referências clínicas e, embora Rosenberg tenha se beneficiado disso, ele nunca precisou fazer nada. Sua secretária cuidava do dinheiro e de tudo que era necessário, ele apenas sentava e atendia. Agora estava mais ativo no processo, precisava se direcionar, refletir sobre qual público pretendia servir e alcançar (ROSENBERG, 1996).

Era um período politicamente turbulento. Externamente, os Estados Unidos já estava há algum tempo em guerra contra o Vietnã. Internamente, eclodiam novos conflitos por motivos raciais e Rosenberg era convidado a atuar nesse contexto. As escolas permaneciam demandando seu apoio, mas agora não traziam apenas dificuldades de aprendizagem dos estudantes, mas também situações de conflitos, violência física, vandalismo. Rosenberg se dedicou a refletir sobre como as pessoas se comunicavam, como reestruturar a forma como os professores ensinavam, situações que poderiam provocar mudanças significativas nas escolas. Assim, ele escreveu o livro *Mutual Education: Toward Autonomy and Interdependence*, publicado em 1972. Neste mesmo ano, ele também publicou *A Manual for “Responsible” Thinking and Communicating*.

Uma pessoa que influenciou o trabalho de Rosenberg nesse período foi Al Chappelle, um artista e líder do Zulu 1200, um grupo de libertação negra em Saint Louis. Eles se conheceram em uma conferência distrital no início dos anos 70. Os dois estabeleceram um acordo: Rosenberg ensinou a Al Chappelle os princípios da Comunicação Não Violenta e, em contrapartida, Al Chappelle acompanhou Rosenberg na mediação de conflitos nos guetos das cidades norte americanas. “Al Chappelle me ensinou como chegar às pessoas para falar sua língua, desenvolver um estilo” (ROSENBERG, 2014, p.16, tradução nossa).

Mas a parceria deles não se resumiu a isso, já que em 1976 Marshall Rosenberg, Al Chappelle e Steve Mote lançaram juntos um álbum musical, chamado *From now on...*. O disco de vinil apresentava 12 faixas, sendo várias delas escritas por Rosenberg. Na primeira delas, *Life's sweet flow*, ele se referia ao jogo da vida que aprendeu a jogar, onde os ricos ficam cada vez mais ricos, os pobres cada vez mais pobres e todos perdem de alguma maneira. Citou que precisou se submeter a situações constrangedoras para obter um diploma elitista de PhD, adquiriu bens, mas se alienou de si. Propunha uma mensagem de esperança, mostrava um desejo de comunhão com o que ele chamava de doce fluxo da vida e dizia de sua ansiedade para ver o dia em que honraríamos a humanidade mais do que as bandeiras.

Dentre as faixas do referido LP, chamam a atenção algumas: *Gift of Empathy*; *We've Got Magic to Give to Each Other* e *Song for Gloria*. Os nomes sugerem relação com o que Rosenberg já concebia como princípios da Comunicação Não Violenta. Já a última música citada parece ser uma homenagem à sua segunda esposa, Gloria Hayes, com quem tinha se casado dois anos antes. Gloria era educadora e tinha uma filha de seu primeiro casamento, Erika Hayes, com quem Rosenberg teve boa convivência⁹.

From Now On ficou marcado na trajetória de Rosenberg. Esse título foi utilizado para renomear um de seus livros por três vezes: *From Now On* (uma revisão de *A Manual for "Responsible" Thinking and Communicating*), lançado no mesmo ano do LP, em 1976. No ano seguinte ele foi revisado, recebendo o nome *From Now On: Without Blame or Punishment*; o mesmo aconteceu novamente em 1979, sendo agora intitulado *From Now On: A Model for Nonviolent Persuasion*.

Em 1983 foi publicado *A Model for Nonviolent Communication*, que mais tarde, em 1999, foi consolidado em *Nonviolent Communication: A Language of Compassion* e na segunda edição se tornou *Nonviolent Communication: A Language of Life*. Embora Rosenberg tenha lançado vários outros livros depois, foi este que se tornou um *best seller*, sendo traduzido em vários idiomas, com mudanças de capa e eventualmente de título em cada país. As versões em italiano e francês, por

9 Em fevereiro de 2020, aos 50 anos de idade, Erika Hayes James foi nomeada como a primeira mulher e a primeira pessoa negra a exercer a função de reitora da *Wharton School* da Universidade da Pensilvânia. Segundo entrevista concedida à *The Philadelphia Inquirer*, foi seu padrasto que a influenciou na decisão de estudar Psicologia no *Pomona College* e, em seguida, fazer o doutorado em Psicologia Organizacional na Universidade de Michigan, onde pesquisou a diversidade e inclusão no local de trabalho (ARVEDLUND, 2020, texto digital).

exemplo, têm como título o equivalente a: “As palavras são janelas”, referenciando uma poesia de Ruth Bebermeyer contida no livro.

A edição em inglês de *Nonviolent Communication* foi publicada em 1999 e republicada em 2010 e em 2015, todas elas pela editora PuddleDancer Press. Na 3ª edição foi incluído o capítulo *Conflict resolution and meditation*, que ainda não está presente na versão brasileira, traduzida a partir da 2ª edição.

Destaca-se que a versão em português tem o título *Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Como é possível observar, o subtítulo em nada se parece com o nome da obra original. Em um curso introdutório de CNV realizado em Belo Horizonte em 2019(B), Dominic Barter, que atuou na revisão técnica desta obra, relatou que a alteração deste subtítulo foi uma decisão comercial.

4 PRINCÍPIOS DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA

A CNV convida a observar “o que está vivo em nós”, aqui e agora. Valoriza a presença, a escuta empática, a honestidade – entendida como sinônimo de autenticidade – e nutre o interesse em identificar “como tornar a vida mais maravilhosa”.

Segundo Barter (2019A) Rosenberg se referia a empatia como surfar uma onda, ou seja, entrar em contato com o fluxo de energia vital que vem de outra pessoa. E para surfar essa onda, o foco de atenção está no “agora”, nos sentimentos da pessoa que está oferecendo uma dádiva ao se expressar autenticamente, expondo suas vulnerabilidades. Do lado de quem escuta, existem alguns sinais que indicam que a conexão empática aconteceu, e que a outra pessoa se sentiu completamente compreendida, que são: a redução na tensão (alívio); e que a pessoa não tem mais necessidade em dizer, de modo que ela já pode estar “receptiva” para ouvir.

Rosenberg (2019B) frisava que preferia ouvir sentimentos que pensamentos, que lhe interessava mais a conexão empática do que a compreensão intelectual das situações. Com isso, ele sugeria que as ideias poderiam distanciar as pessoas do que “realmente importa”.

Quando minha consciência está nos sentimentos e necessidades de outro ser humano, vejo a universalidade de todas as nossas experiências. Posso ter um grande conflito com o que acontece na cabeça do outro, com seu modo de pensar, mas aprendi que aprecio muito mais os seres humanos quando não ouço o que pensam. [...] Aprendi que posso apreciar muito mais a vida se ouvir o que está acontecendo no coração deles sem me envolver com as coisas que passam por sua cabeça (ROSENBERG, 2019B, p.137).

Rosenberg (2006A) frisava que certas formas de comunicação bloqueiam o estado humano compassivo natural. Entre essas se encontram os julgamentos moralizadores (ou seja, depreciações daqueles que não pactuam com os nossos valores), insultos, rotulações, comparações, diagnósticos, exigências. O que Rosenberg (2006A; 2019B) apontava, é que limitar o campo experiencial do outro

com noções de “certo” e “errado”, compará-lo, oferecer prêmios e punições são situações que contribuem para os sentimentos de culpa, vergonha, medo, os quais sinalizam que as necessidades humanas não estão sendo satisfatoriamente atendidas. Quando uma pessoa se comporta em atendimento às exigências e preferências do outro, se é movida por tais sentimentos e não por outros, ela não está “a serviço da vida”, do que a torna mais plena. Com isso, Rosenberg (2006A; 2019B) mostra que cotidianamente agimos utilizando formas violentas e nem sempre o percebemos, já que várias delas são socialmente permitidas, valorizadas e vem sendo, há muito, perpetuadas. A CNV se propõe ser processo e consciência de uma vivência de não violência. Isso não significa, entretanto, uma defesa da docilidade, passividade, concordância plena com o outro. Mas um convite a autoempatia e autocuidado e posterior escuta, empatia e conexão ao outro.

E nesse processo, Rosenberg (2006A, 2019A, 2019B) aponta, que há distinções, por exemplo, entre o que é observação e o que é julgamento, entre sentimentos e pensamentos, necessidades e estratégias, pedidos e exigências. A observação é uma descrição objetiva do que se mostra, enquanto o julgamento carrega uma valoração, uma “medida”. Os sentimentos são expressões que modificam o corpo, já os pensamentos são interpretações, ideias, que podem conter julgamentos. As necessidades são recursos que a vida utiliza para se sustentar, se referem a todos os seres humanos, independente da cultura; as estratégias são as alternativas criadas para atender às necessidades, e essas sim, são suscetíveis ao contexto histórico e social. Por exemplo, encontrar com amigos ou ficar sozinha podem ser ambas estratégias para cuidar da necessidade de descanso. Segundo Rosenberg (2006A; 2019B), as divergências acontecem no campo das estratégias e não devido às necessidades, uma vez que estas são um “ponto de encontro” da humanidade comum. Finalmente, os pedidos seriam aquelas solicitações que permitem ao outro a liberdade de atender ou não. Já as exigências são aquelas em que essa liberdade é inexistente; são ordens, ainda que nem sempre explícitas.

Em um de seus treinamentos, Rosenberg foi questionado sobre as condições necessárias para alguém se tornar proficiente na CNV. Respondeu que as pessoas não precisam ser perfeitas, santas, pacientes, nem mesmo precisam ter boa autoestima e boa autoconfiança:

É necessário ter clareza espiritual. [...] plena consciência de como queremos nos conectar com os outros seres humanos. [...] Quando me envolvo inteiramente com a CNV, acredito estar ajudando o planeta; então, uso a energia que tenho para tentar ajudar os outros a se envolverem com a CNV também. [...] Em segundo lugar: prática, prática, prática. [...] Em terceiro lugar, ajuda bastante participar de uma comunidade de apoio da CNV. Vivemos num mundo condenatório, crítico, e criar um mundo de CNV à nossa volta, a partir do qual possamos começar a construir algo maior, vai ajudar. Por isso, sou muito grato por todos os grupos locais de CNV (ROSENBERG, 2019B, p.76-77).

Algumas pessoas diziam para Rosenberg que a CNV era simples e ao mesmo tempo difícil. Ele atribuía isso ao fato de não sermos alfabetizados na identificação de sentimentos e necessidades, bem como às nossas aprendizagens culturais que nos

desviam da vida, confundindo nossas estratégias com necessidades humanas. Isso é um ponto tão importante na CNV, que todos os livros sobre o assunto têm, no final, uma lista de sentimentos e necessidades humanas.

O próprio Marshall Rosenberg (2006A, 2019B) dizia que mudou sua forma de agir com a CNV, mas que isso era um exercício diário. Carregava um caderno em que fazia anotações sempre que percebia que estava julgando a si ou aos outros. Escrevia qual tinha sido o estímulo e como reagiu. Refletia sobre aquilo e tentava oferecer empatia pela dor daquele momento. Depois, voltava-se para compreender o que a outra pessoa poderia estar sentindo e necessitando. Nesse processo percebeu que adiar o ímpeto de responder imediatamente às situações era crucial para que ele pudesse traduzir a linguagem que as pessoas utilizam no cotidiano para a linguagem não violenta, que “serve à vida”.

5 A PROPAGAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA (CNV)

O modelo da CNV e a descrição em etapas surgiram em 1983 no livro *A Model for Nonviolent Communication*. Entretanto, segundo Jones (2009), foi na década de 1990 que teria ocorrido sua finalização, tal como hoje é conhecido:

- 1) observar os fatos sem julgamento ou avaliação;
- 2) identificar os sentimentos em relação aos fatos observados;
- 3) reconhecer as necessidades ligadas aos sentimentos identificados;
- 4) elaborar pedidos claros, específicos e concretos.

O modelo pode ser assim exemplificado: “Quando eu vejo _____ eu sinto _____ porque a minha necessidade de _____ é / não é atendida. Você estaria disposto a _____?” (LEU apud KÖK, 2009, p.360).

Na década de 1980, a proximidade de Rosenberg com algumas mulheres tais como Vicki Legion, Uta Simons, Annie Muller e Gloria, sua segunda esposa, gerou importantes contribuições para esse modelo.

Ele descreve Vicki Legion como ‘a melhor professora de sexismo. Ela estava constantemente me criticando. Foi maravilhoso’. Com Gloria ele praticou uma nova forma de relacionamento, na qual ambos lutavam por uma simultaneidade de amor e independência. E como a Comunicação Não Violenta sempre focou nos problemas, Uta Simons trouxe um novo componente de celebração e apreciação a ela. Através disso, Marshall Rosenberg aprendeu ‘a trazer beleza e alegria ao mundo’. Annie Muller apresentou a Marshall Rosenberg o conteúdo espiritual de seu trabalho no início dos anos 80. [...] ‘A empatia pode fazer maravilhas. Esse poder está sempre lá e você pode se conectar a ele a qualquer momento’ (ROSENBERG, 2014, p.16, tradução nossa).

Por diversas vezes Rosenberg declarou que a CNV não lhe pertencia, pois o que ensinava já existia, que ele apenas tinha organizado as informações. E só detinha direitos autorais porque foi acusado indevidamente por Thomas Gordon e por outras pessoas de uso ilegal de propriedade intelectual deles. Mediante orientações

de um advogado, Rosenberg decidiu proteger a obra apenas para poder utilizar o próprio material, pois já tinha constatado que algumas pessoas que participaram dos seus treinamentos usaram as ideias, as protegeram e ele próprio ainda não tinha feito isso. Não era seu objetivo impedir outras pessoas de usar seus materiais e de propagar a CNV, pelo contrário (ROSENBERG, 1996). E esse assunto ressurgiu quando, em um grupo público do *Facebook*, Brett Rosenberg (2018, texto digital), um dos filhos de Rosenberg, escreveu que o pai “era um ótimo psicólogo e professor, mas também era o pior empresário do mundo”. Citou que sua madrasta “passou anos para tentar organizar a confusão que ele tinha feito com os direitos autorais sobre os seus materiais e outros assuntos”, o que tinha demandado a ela muito tempo, dinheiro e esforço.

A Comunicação Não Violenta (CNV) é também denominada de *Comunicação Autêntica*, *Comunicação Compassiva*, *Linguagem da Vida* e de *Linguagem da Girafa*. Rosenberg não gostava do nome Comunicação Não Violenta, semelhante a Gandhi, que também não gostava da expressão *não violência*, porque o termo define através da negação, do que não é. Além disso, a comunicação é apenas uma pequena parte desse processo que consiste num sistema que está associado à linguagem, pensamento, habilidades de comunicação e meios de influência, entendida como formas de usar o poder.

Em entrevista concedida a francesa Laurent Montbuleau (s.d.), Rosenberg explicou que não tinha definido um nome para esse processo. E certa vez uma mulher conseguiu atrair um grande público para um seminário dele que aconteceu nos Estados Unidos. Isso despertou a curiosidade de Rosenberg, que concluiu que o resultado expressivo era devido ao anúncio que ela fez, que continha o termo Comunicação Não Violenta. Devido a receptividade, ele adotou este nome. Depois, entendendo que esse termo não conseguia expressar com clareza a sua proposta, é que adotou também outras formas de apresentar o processo que elaborou.

A *Comunicação Autêntica* refere-se à expressão genuína que este processo incentiva, em que as pessoas se mostrem sem máscaras, disfarces, simplesmente como estão, a cada momento. A *Comunicação Compassiva* está relacionada ao objetivo desta forma de comunicação, que é dar e receber de coração, com compaixão. O termo *Linguagem da Vida* aponta que Rosenberg entendia o seu processo como um retorno ao estado natural da vida, em que as pessoas estão conectadas a si mesmas e às outras pessoas. E *Linguagem da Girafa* porque ela foi adotada como símbolo da teoria. A girafa é o animal terrestre que possui o maior coração, e devido ao pescoço longo consegue avistar mais longe, favorecendo uma percepção ampliada da realidade. Rosenberg (2019B) lamentava que foi educado a falar a “linguagem do chacal” (lobo). Explicava que o chacal está mais próximo do chão, mais preocupado em satisfazer suas necessidades e por isso não consegue ter a mesma compreensão que a girafa alta. Os chacais falam de maneira que bloqueiam a comunicação compassiva porque são motivados por medo, vergonha e culpa.

Durante os *workshops*, Rosenberg usava fantoches de girafa e chacal para ilustrar suas falas. Também propunha representações de papéis com os participantes,

e nesses momentos usava um arco de cabeça com orelhas de chagal ou orelhas de girafa. Na comunidade da CNV a girafa ganhou uma conotação carinhosa, de modo que é comum expressões como: “vamos treinar para alongar o pescoço”, “vamos falar em girafês”. Apesar de tantos nomes possíveis, observa-se que a identidade da teoria está na *Comunicação Não Violenta* (CNV), sendo esse o principal termo adotado.

A respeito da origem do uso dos fantoches, em entrevista a Guy Spiro, Rosenberg (1992) explicou que usou o termo chagal pela primeira vez durante uma conversa em que uma mulher reclamava de seu marido. Rosenberg (1992) se referiu a ele como um chagal, e perguntou jocosamente: “Ele não é um homem fácil de conviver, este chagal?”. Ela achou isso muito engraçado. E naquele dia, ele propôs ao grupo de treinamento em CNV um “jogo” de domar chacais. A proposta foi bem aceita, as pessoas gostaram e Rosenberg começou a usar o termo “linguagem de chagal” para se referir a modos de expressão que impedem a compaixão. Uma mulher que havia participado daquela oficina viu um fantoche de chagal em uma loja e o comprou para ele. Naquela época, Rosenberg não imaginava que voltaria a usar esta metáfora, tampouco que usaria fantoches para ensinar. Pretendia dar o chagal de presente para alguma criança. Mas quando se encontrou com o próximo grupo, ele se lembrou do quanto as pessoas se divertiram tratando aqueles que divergiam em opiniões e posturas como chacais. Então usou essa metáfora novamente, e perguntou aos participantes se conheciam alguém cujo comportamento lhes fazia parecer um chagal. Com a receptividade do público, teve a ideia de usar o fantoche e se admirou ao perceber que ele estava ensinando de forma mais agradável do que ele próprio imaginava que era capaz de fazer. Durante cerca de uma semana ele usou o fantoche. E viu o quanto os adultos pareciam gostar de conversar com o fantoche, e ele parecia facilitar o aprendizado. E assim, Rosenberg se perguntou se poderia encontrar outro animal para representar a comunicação compassiva. Foi quando pensou nos seus filhos, nos rostos deles de alegria quando os levou a um lago para alimentar patos.

Rosenberg (1992) orientava as pessoas para que não fizessem nada se não estivessem se divertindo, que não atendessem pedidos por obrigação, medo ou vergonha, mas sim com alegria e compaixão. Ele dizia que pedidos são presentes, e que devemos aceitar apenas aqueles que pudermos realizar com a alegria de uma criança pequena que alimenta um pato esfomeado. Vendo o pato como um representante de relação de doação mútua, Rosenberg comprou um fantoche e durante dois anos propôs os patos como representantes de uma comunicação compassiva. Em 1986 ele publicou o livro *Duck Tales and Jackal Taming Hints*, um conto sobre as habilidades necessárias para compreender os seres humanos, mesmo quando sua comunicação os faz soar como chacais loucos¹⁰.

10 Provavelmente devido à mudança posterior da metáfora do pato para a girafa, há poucas referências sobre essa publicação.

Entretanto, certa vez Rosenberg estava na Suécia para a realização de um documentário a respeito do seu trabalho e o diretor lhe sugeriu que repensasse sobre o uso do pato, porque temia que a qualquer momento ele fosse devorado pelo chacal. Isso foi um alerta, porque até então Rosenberg não tinha percebido que a não violência e a compaixão poderiam ficar associadas à fraqueza ou à passividade. Estando em busca de um novo animal, Rosenberg encontrou um artigo sobre o *Giraffe Project*¹¹ nos Estados Unidos. Seu objetivo é o de divulgar histórias inspiradoras de “girafas heróis”, pessoas que se movem ativamente em prol da resolução de causas sociais, injustiças, situações que envolvam direitos humanos, meio ambiente, saúde pública, corrupção, segurança pública, etc. Sua proposta é catalogar e apresentar histórias de pessoas que arriscam o pescoço pelo bem comum, no intuito de publicizar as ações empáticas, reconhecer aqueles que atuam pela compaixão e inspirar novas girafas. Ou seja, foi este grupo que teve a ideia, e Rosenberg a pediu emprestado. Foram os idealizadores do *Giraffe Project* que identificaram que a girafa é o animal terrestre de maior coração, que seu longo pescoço lhe dá uma visão à distância e que leva sua vida com força e gentileza. E Rosenberg (1992) visualizou que essa seria uma ótima metáfora para expressar a comunicação compassiva que ele ensinava. Então ele comprou um fantoche de girafa para o documentário na Suécia e desde então seus ajudantes foram a girafa e o chacal, exceto em alguns países onde o chacal se transformou em um lobo.

A eventual substituição do chacal pelo lobo poderia passar despercebida, já que são animais do mesmo gênero. Mudança mais significativa acontecia quando Rosenberg substituía o chacal pela cobra; o que ele fazia em alguns países da Europa Oriental e na Rússia, por entender que a analogia com esse animal seria melhor compreendida naquelas culturas (DICKINSON, 1998).

Independente de qual animal tenha utilizado, Rosenberg pretendia mostrar que os chacais são girafas que perderam o uso de sua língua girafa, o que podem reaprender a qualquer momento, ao ouvir o que o coração diz.

Segundo Dickinson (1998), quando Rosenberg usava orelhas de chacal ou orelhas de girafa, tinha o objetivo de exemplificar o que se propunha a ensinar. Ao colocar orelhas de um animal ele destacava que naquele momento estava ouvindo e falando com a postura correspondente àquele personagem. O uso das orelhas do chacal sinalizavam uma “comunicação alienante da vida” e as orelhas da girafa a comunicação compassiva. Mas ele também explorava as posições das orelhas. Quando Rosenberg colocava as orelhas do chacal voltadas para fora, estava se referindo a não escuta que acusa, julga, rotula. E quando usava as orelhas do chacal voltadas para dentro mostrava a autoacusação e autocrítica. Quando ele usava as orelhas da girafa voltadas para fora, ele ilustrava a girafa que ouve as necessidades e os sentimentos dos outros. Para dentro, indicava o exercício da auto empatia.

11 Atualmente é conhecido também pelo nome *Giraffe Heroes Project*. É uma organização internacional sem fins lucrativos, com oito afiliadas no exterior. Iniciou suas atividades em 1982 e desde então coletou histórias de mais de 1300 pessoas.

Rosenberg percebia que tais metáforas eram mais úteis em alguns países do que em outros. Na antiga União Soviética, por exemplo, a girafa é considerada como um animal estúpido, por isso ele a usava lá de vez em quando. “E nos países de língua alemã, há uma expressão *hochmasig*, que significa ‘nariz para cima’, que dá à girafa um ar de superioridade. Portanto, [o uso] depende do grupo, da ludicidade dele. Na maioria das vezes, esses fantoches são muito úteis” (ROSENBERG, 1992, p.6, tradução nossa). Rosenberg também considerava o risco do público rotular o comportamento das pessoas como chacal ou girafa, colocando-as em categorias; mas usava tais referências como uma ferramenta de ensino, como parte do jogo. Uma metáfora divertida que ajudava a suavizar os temas pesados e opressores que muitas vezes estão presentes nas falas dos grupos que Rosenberg atendia.

A propagação da Comunicação Não Violenta iniciou-se de modo mais intenso em três cidades: São Francisco, na Califórnia; em Norfolk no estado da Virgínia (ambos nos EUA) e em Toronto, no Canadá. Com o tempo, Rosenberg (2014) ficou sabendo que algumas pessoas já estavam, espontaneamente, ensinando outras. Foi convidado por uma sueca para transmitir a CNV em seu país, depois foi convidado a ir à Alemanha e assim, sucessivamente, foi percorrendo vários outros países.

Rosenberg (2006C) relatou que ficou entusiasmado com o método Paulo Freire, com sua proposta de alfabetização de adultos que valoriza o contexto social e a consciência política dos educandos. Inspirado pelo educador brasileiro, estava desejoso que sua abordagem se tornasse compreensível a pessoas com qualquer escolaridade e que mais pessoas se tornassem multiplicadoras, contribuindo com a transformação social. Rosenberg considera a simplicidade como o principal motivo da sua disseminação.

Com o objetivo de construir um Centro de Comunicação Não Violenta, Rosenberg enviou cartas para pessoas dos EUA e do Canadá que tinham gostado de seus treinamentos e os convidou para uma reunião, caso eles tivessem interesse em compartilhar com ele esse desafio. Para sua surpresa, 23 pessoas aceitaram seu convite. Assim, em 1984, Marshall Rosenberg fundou o *Center for Nonviolent Communication* (CNVC) em Sherman, no Texas (ROSENBERG, 2006C).

O CNVC é uma organização internacional de paz dedicado a apoiar a disseminação da Comunicação Não Violenta pelo mundo. Desenvolve projetos em presídios, escolas e em apoio ao sistema judiciário em diversos países. Também promove treinamentos locais, nacionais e internacionais, zelando pelo ensino fidedigno dos princípios desenvolvidos por Rosenberg. Um dos mais famosos, é o Treinamento Intensivo Internacional (conhecido como IIT, que é a sua sigla em inglês), com duração de aproximadamente nove dias.

Segundo o site do CNVC, o Dr. Rosenberg ofereceu treinamentos em mais de 60 países¹², interagindo com educadores, profissionais da saúde, advogados, militares, prisioneiros, gestores, religiosos, funcionários públicos, famílias e demais pessoas interessadas. Foi atuante em áreas devastadas pela guerra e economicamente desfavorecidas.

Em 1985, o Grupo de Trabalho sobre Educação para a Paz em Munique convidou Marshall Rosenberg à Alemanha pela primeira vez. Ele se lembrou do tempo em Detroit, quando foi espancado por sua origem judaica. “Vir para a Alemanha e ser recebido com tanto carinho foi algo muito especial para mim” (ROSENBERG, 2014, p.17, tradução nossa).

Quando perguntado de onde tirava energia para viajar por tantos países, Rosenberg (1996) respondeu citando alguns relatos de agradecimento de participantes de seus treinamentos. E completou: “se eu tenho alguma reclamação em minha vida, é que não tenho tempo para comemorar essas coisas. Elas acontecem tão rápido, em abundância, que eu tenho certeza que naquele mesmo dia, dez outras coisas aconteceram também - e são tão bonitas” (ROSENBERG, 1996, p.13, tradução nossa). Rosenberg (1996) afirmou que outras pessoas também são afetadas por essa energia e cita a francesa Pascale Molho, que viajou com ele por cerca de 13 países durante o ano de 1995 e estava considerando deixar a carreira de medicina para se dedicar ao processo pequeno e simples, mas de implicações surpreendentes da Comunicação Não Violenta (ROSENBERG, 1996).

A respeito da sua vida conjugal, Rosenberg e Gloria se divorciaram no ano de 1999. E em 2005 Rosenberg se casou com sua terceira e última esposa, Valentina, também conhecida como Kidini, que esteve ao seu lado em vários treinamentos e entrevistas.

Ainda no ano de 2005, no mês de janeiro, Marshall Rosenberg veio ao Brasil para participar do V Fórum Social Mundial (FSM)¹³ que aconteceu na cidade de Porto Alegre. Naquela ocasião ele ofereceu o *workshop* “Comunicação Não-Violenta, a Linguagem do Coração na Prática da Paz” e participou de uma mesa

12 São eles: Afeganistão, Argentina, Austrália, Áustria, Azerbaijão, Bélgica, Bósnia, Brasil, Burundi, Canadá, Colômbia, Congo, Croácia, República Tcheca, Dinamarca, Dominicana República, Inglaterra, Estônia, Finlândia, França, Geórgia, Alemanha, Guiana, Hungria, Índia, Indonésia, Irlanda, Israel, Itália, Jamaica, Jordânia, Coreia, Luxemburgo, Malásia, Malta, México, Moldávia, Nova Zelândia, Holanda, Nigéria, Noruega, Palestina, Polônia, Portugal, Romênia, Porto Rico, Rússia, Ruanda, Escócia, Senegal, Serra Leoa, Cingapura, Eslovênia, África do Sul, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Turquia, Estados Unidos, Iugoslávia. Disponível em: < <https://www.cnvc.org/> > Acesso em: 15 ago. 2020.

13 É um evento internacional de reflexão e organização de todos os que se contrapõem à globalização neoliberal, que estão construindo alternativas para favorecer o desenvolvimento humano e buscam a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais.

redonda sobre Justiça Restaurativa¹⁴ com o juiz Egberto de Almeida Penido e com o coordenador do Núcleo de Estudos de Justiça Restaurativa, o juiz Leoberto Narciso Brancher (ESCOLA PAULISTA DA MAGISTRATURA, 2004).

Nas palavras de Brancher (2013), o V Fórum Social Mundial “representou um marco de convergência entre a Cultura de Paz, a Comunicação Não Violenta, a Justiça Restaurativa e a Justiça Brasileira” (BRANCHER, 2013, p.15). A partir do V FSM, a CNV foi adotada como metodologia das formações dos projetos-piloto: “Justiça para o Século 21”, desenvolvido em Porto Alegre, RS e “Justiça e Educação: parceria para a cidadania”, realizado em São Caetano do Sul, SP; tendo como coordenadores os juízes Leoberto Brancher e Egberto Penido, respectivamente. Dominic Barter, que é um pioneiro na divulgação da CNV no Brasil, atuou como supervisor técnico. Os projetos focaram quatro áreas estratégicas, implementando a Justiça Restaurativa na educação, no atendimento socioeducativo, na comunidade e nos processos judiciais em situações de violência envolvendo crianças e adolescentes. É devido a essa atuação da CNV como um pilar da Justiça Restaurativa, que em solo brasileiro a CNV se tornou inicialmente mais conhecida dentre advogados, mediadores de conflitos e educadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Marshall Rosenberg foi apresentado por Killian como um homem alto, magro, de fala mansa, que ficava animado ao descrever como a Comunicação Não Violenta promoveu mudanças para ele e para outras pessoas (ROSENBERG, 2003).

Foi descrito inúmeras vezes pelo bom senso de humor, pelas músicas que tocava e cantava ao violão e por seus fantoches. As músicas eram na maioria de sua autoria. As gravadas no LP *From Now On...* (1976) não são facilmente encontradas na internet. Mas é possível localizar alguns vídeos e letras do LP que Rosenberg gravou sozinho no ano seguinte: *Where The Hell Does The Energy Come?* E outras músicas que foram gravadas em CD, no álbum *Live Compassionately*, em 2002. Em geral, as letras tecem críticas ao capitalismo, ao consumismo, às guerras; abordam a dor, medo, gentileza, compaixão, celebração, alegria, vida.

Ele alertava: “cuidado para não misturar o que é natural com o que é habitual” (ROSENBERG, 2005, texto digital), sugerindo que fomos educados por nossa cultura para nos acostumar e gostar da violência, para transformar as pessoas em inimigos, para estabelecer noções de “certo” e “errado”, nos punir e culpar quando alguma situação não está supostamente “certa”. Rosenberg citava constantemente um pensamento do poeta sufi Rumi: “Para além das ideias de certo e errado, existe um campo. Eu me encontrarei com você lá” (ROSENBERG, 2006A, p.38).

14 Trata-se de uma proposta de exercer a Justiça, que visualiza o crime como uma violação de pessoas e relacionamentos, e “envolve a vítima, o ofensor e a comunidade na busca de soluções que promovam reparação, reconciliação e segurança” (ZEHR, 2008, p. 170).

Rosenberg ambicionava ver a CNV nas escolas e nas famílias como portas de entrada para comunidades inteiras. Sonhava com “escolas de girafas” em todo o mundo para apoiar a interdependência ao invés da competição, das punições e recompensas que manipulam comportamentos de obediência (BAZIRAKE; ZIMMERMANN, 2018). Acreditava que as pessoas poderiam ser educadas sem o uso de meios coercitivos, através do compartilhamento do “poder com os outros” em vez do “poder sobre os outros”, de modo que as necessidades de todos poderiam ser atendidas com compaixão.

Acreditava que ainda que as pessoas praticassem a CNV como uma técnica mecânica, em algum momento perceberiam que ela é mais do que um processo de comunicação, mas uma tentativa de manifestar uma certa espiritualidade (ROSENBERG, 2004B). E “se as pessoas têm o que se chama espiritualidade transformadora, elas não podem descansar quando outras estão morrendo de fome. Não basta que elas acreditem que, se purificarem a si mesmas, a energia irradiará para cuidar das coisas” (ROSENBERG, 2004A, texto digital, tradução nossa).

Em um evento sobre Justiça e Mudança Social na Suíça, Rosenberg teria feito um discurso cujo trecho é constantemente lembrado pelos estudiosos e praticantes de CNV:

Se eu uso a CNV para liberar as pessoas para que fiquem menos deprimidas, para conviverem melhor com suas famílias, mas não as ensino, ao mesmo tempo, a usar sua energia para transformar rapidamente os sistemas sociais no mundo, então me torno parte do problema. Essencialmente as estarei pacificando, fazendo-lhes mais felizes em viver nos sistemas como atualmente são, e assim utilizando a CNV como um narcótico (GAINESVILLE, 2020, texto digital, tradução nossa).

Rosenberg tinha por ambição que a CNV se tornasse meio de mudanças sociais amplas, sistêmicas. Ele foi contemporâneo a Martin Luther King, e como ele, também tinha sonhos. Na sua música *Do You Dream* (2002) conversava com o público:

Você sonha os mesmos sonhos que eu sonho? Eu me pergunto se nós valorizamos as mesmas coisas. Eu amo a alegria, eu amo a ternura que a honestidade e a empatia trazem. Você sonha com um mundo onde cada pessoa é sempre um fim, e não apenas uma engrenagem? E os erros não exigem uma condenação ou fogo do inferno, apenas um pequeno diálogo amoroso. Você sonha com um mundo onde tocar enriquece, nutre e acalma? Onde as pessoas estão dispostas a dizer ‘não’ para o ato de matar e os árabes dançam em paz com os judeus (ROSENBERG, 2002, texto digital, tradução nossa).

São sonhos relacionados à necessidade de conexão, da consolidação de um mundo sem violências, em que grupos aparentemente opostos se reúnem e dançam, se divertem juntos. A compassividade aprendida com o tio e com a avó se mostram presentes na trajetória de Rosenberg, em sua investigação das causas da violência e como reduzi-la.

Seus esforços lhe conferiram alguns prêmios e homenagens: *International Listening Association Listener of the Year Award* (2000); *Princess Anne of England and Chief of Police Restorative Justice Appreciation Award* (2002); *International Peace Prayer Day Man of Peace Award by the Healthy, Happy Holy (3HO) Organization* (2004); *Religious Science International Golden Works Award* (2004); *Light of God Expressing in Society Award from the Association of Unity Churches* (2005); *Bridge of Peace Nonviolence Award from the Global Village Foundation* (2006) e *Hero and Champion of Forgiveness Award Worldwide Forgiveness Alliance* (2014).

Suas atividades profissionais cessaram em 2011. Nos últimos momentos de vida Rosenberg recebia cuidados paliativos devido a um câncer de próstata que havia descoberto em estágio avançado. Faleceu aos 80 anos de idade cercado pela família em sua casa em Albuquerque, no estado do Novo México, em 7 de fevereiro de 2015. Deixou uma obra que a cada dia atinge mais pessoas, geralmente interessadas em resolver os próprios impasses inter e intra pessoais. Mas sua proposta também despertou a atenção de alguns entusiastas de visão revolucionária em âmbito sistêmico. Por ora, o que é possível dizer é que a CNV alcançou territórios que Marshall Rosenberg jamais imaginaria e isso lhe dava esperança de dias melhores, em que as necessidades de todos pudessem ser atendidas e a vida se tornasse mais maravilhosa.

REFERÊNCIAS

AL CHAPELLE; ROSENBERG, Marshall; MOTE, Steve. **From Now On...** Direção artística: Steve Mote. St. Louis, Missouri, EUA: Community Psychological Consultants, 1976. Disco sonoro.

ARVEDLUND, Erin. Wharton's Erika James, first female dean: 'Gender is the least of what I have to offer'. **The Philadelphia Inquirer**, Philadelphia, 2 mar. 2020, texto digital. Disponível em: < <https://www.inquirer.com/business/erika-james-wharton-dean-business-school-emory-mba-women-20200302.html> > Acesso em: 28 out. 2020.

BARTER, Dominic. Introdução à Comunicação Não-Violenta com Dominic Barter. 12/13 jul. 2019B. 5f. Notas do evento. Belo Horizonte. Digitado.

_____. Dominic Barter: "Quando cria a categoria das 'pessoas do bem', você não tem interesse em democracia". **Sul21**. 6 maio, 2019A. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/entrevistas-2/2019/05/dominic-barter-quando-cria-a-categoria-das-pessoas-do-bem-voce-nao-tem-interesse-em-democracia/> Acesso em 04 abr. 2020. Entrevista concedida a Marcela Donini.

BAZIRAKE, Joseph Besigye; ZIMMERMANN, Gitta. Peace Profile: Marshall Rosenberg. **Peace Review: A Journal of Social Justice**, São Francisco, n. 30, p. 246-253, mai. 2018. doi: 10.1080/10402659.2018.1458970.

BRANCHER, Leoberto Narciso (Coord.) **A Paz que nasce de uma nova Justiça: A Paz Restaurativa. 2012-2013. Um ano de implantação da Justiça Restaurativa como**

Política de Pacificação Social em Caxias do Sul. Disponível em: < https://www.tjrs.jus.br/export/processos/conciliacao/doc/A_Paz_que_Nasce_de_uma_Nova_Justica_BAIXA.pdf > Acesso em: 18 jun. 2020.

DICKINSON, Trish. Non-violent communication, compassionate communication. **Medicine, Conflict and Survival**, Inglaterra e País de Gales, v.1, n.14, p.56-62, 1998. doi: 10.1080/13623699808409372.

ESCOLA PAULISTA DA MAGISTRATURA. **Comunicação Não-Violenta e Justiça Restaurativa são discutidas em Porto Alegre.** 29 dez. 2004, texto digital. Disponível em: < <https://epm.tjsp.jus.br/Noticias/noticia/5080?pagina=263> > Acesso em: 24 jun. 2020.

GAINESVILLE Nonviolent Communication. Gainesville, Flórida, EUA, 2020, texto digital. Disponível em: < <https://gnvc.love/about> > Acesso em: 29 out. 2020.

GIRAFFE Heroes Project. Langley, Washington, EUA. 2020, texto digital. Disponível em: < <https://www.giraffe.org/> > Acesso em: 27 out. 2020.

OBITUARIES: Rosenberg, Marshall B. Dr. **Albuquerque Journal**. Albuquerque, 2015, texto digital. Disponível em: < <http://obits.abqjournal.com/obits/show/248924> > Acesso em: 13 jun. 2020.

ROSENBERG, Brett Allen. In memory of Marshall Rosenberg, Public Group, **Facebook**, 10 nov. 2018, texto digital. Disponível em: < https://www.facebook.com/groups/MarshallRosenberg/?post_id=1951405305153266 > Acesso em: 14 jun. 2020.

ROSENBERG, Marshall Bertram. **O coração da transformação social: como fazer a diferença no seu mundo.** Tradução Ana Sofia Schmidt de Oliveira. São Paulo: Palas Athena, 2020.

_____. **Vivendo a Comunicação Não Violenta: como estabelecer conexões sinceras e resolver conflitos de forma pacífica e eficaz.** Tradução Beatriz Medina. Rio de Janeiro: Sextante, 2019B.

_____. **A linguagem da paz em um mundo de conflitos: sua próxima fala mudará seu mundo.** Tradução Grace Patricia Close Deckers. São Paulo: Palas Athena, 2019A.

_____. Marshall B. Rosenberg: Bausteine einer Biografie Die Grenzen der klinischen Psychologie und der weng zu einer besseren welt. **Kommunikation & Seminar**. Abr. 2014, p.14-17. Entrevista concedida a Von Al Weckert.

_____. **Marshall Rosenberg Biografie Teil 1.** Alemanha. 11 Dez. 2013, texto digital. Entrevista concedida a Von Al Weckert. Disponível em: < <https://www.empathie.com/marshall-rosenberg-biografie-teil-1/> > Acesso em: 28 mai. 2020.

_____. **The Nonviolent Communication Training Course.** 9 CDs. 2006C. Treinamento de Comunicação Não Violenta. Seção 6. Autoridade. Traduzido pelo CNV em Rede. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=q2S5EqAmLrQ> > Acesso em: 08 mai. 2020.

_____. **The Nonviolent Communication Training Course**. 9 CDs. 2006B. Treinamento de Comunicação Não Violenta. Seção 1. Introdução. Traduzido pelo CNV em Rede. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=HOMNP55JcC4> > Acesso em: 06 mai. 2020.

_____. **Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais**. Tradução Mário Vilela. São Paulo: Ágora, 2006A.

_____. Marshall Rosenberg: a pioneer of life-serving communication. **Inside Yogi Times**. Los Angeles, n. 29, fev. 2005, texto digital. Entrevista concedida a William Mark Stierle. Disponível em: < https://web.archive.org/web/20050213063928/http://www.yogitimes.com/02_2005/interview.html > Acesso em: 01 jul. 2020.

_____. NonViolent Communication as an Evolutionary Imperative - The InnerView of Marshall Rosenberg. **Alternatives Resources for Cultural Creativity**. Detroit, n. 29, 2004B, texto digital. Entrevista concedida a Peter Moore. Disponível em: < <http://www.alternativesmagazine.com/29/rosenberg.html> > Acesso em: 22 set. 2019.

_____. Interview with Marshall Rosenberg: The Traveling Peacemaker. **Inquiring Mind**. Vol. 21, N.1 2004A. Entrevista concedida a Margaret Cullen; Ronna Kabatznick. Disponível em: < https://www.inquiringmind.com/article/2101_4w_rosenberg-interview-with-marshall-rosenberg-the-traveling-peacemaker/ > Acesso em: 28 set. 2019.

_____. Beyond Good and Evil: Marshall Rosenberg on Creating a Nonviolent World. **The Sun**. Chapel Hill, fev. 2003, texto digital. Entrevista concedida a Dian Killian. Disponível em: < <https://www.thesunmagazine.org/issues/326/beyond-good-and-evil> > Acesso em: 15 maio 2020.

_____. **Do You Dream**. Faixa 15. Álbum Live Compassionately. Albuquerque, Novo México, EUA: The Center For Nonviolent Communication, 2002. CD.

_____. Interview de Marshall B. Rosenberg. Traduction: Anne Bourrit, s.d. Entrevista concedida a Laurent Montbuleau. Disponível em: < http://nvc-europe.org/SPIP/IMG/pdf/Interview_Marshall-Montbuleau.pdf > Acesso em: 08 set. 2019.

_____. On the front line: meet Marshall Rosenberg, quiet revolutionary. **Cleveland Free Times**. Cleveland, 10-16, p.52, mar. 1999. Entrevista concedida a Dian Killian. Disponível em: < <https://workcollaboratively.files.wordpress.com/2013/04/on-the-front-line-article.pdf> > Acesso em: 01 abr. 2020.

_____. “The Language of Nonviolence.” **Yes! A Journal of Positive Futures**. Brainbridge, Washington, 1998, texto digital. Entrevista concedida a Sarah Van Gelder. Disponível em: < <http://www.listeningway.com/marshall-yes-interview.html> > Acesso em: 15 mar. 2020.

_____. Interview with Marshall Rosenberg about the background of his method “The process of Nonviolent Communication” **Seminar**. Eggenberg, Bayem, 17 a 20 out. 1996, texto digital. Entrevista concedida a Reiner Steinweg. Disponível em: < <https://>

reinersteinweg.files.wordpress.com/2017/05/11-xi-no-1-4-nonviolent-communication1.pdf > Acesso em: 26 jun. 2020.

_____. Une conversation avec Marshall Rosenberg par Guy Spiro. **The Monthly Aspectarian (TMA)**. Chicago, EUA, abr. 1992, texto digital. Traduit de l'anglais par Christiane Secrétan. Entrevista concedida a Guy Spiro. Disponível em: < <http://www.communication.info/pdf/Une%20conversation%20avec%20Marshall%20Rosenberg%20par%20Guy%20Spiro.pdf> > Acesso em: 23 out. 2020.

_____. **Where The Hell Does The Energy Come?** Direção artística: Steve Mote. St. Louis, Missouri, EUA: Community Psychological Consultants, 1977. Disco sonoro.

THE CENTER for Nonviolent Communication. Albuquerque, Novo México, EUA, 2020, texto digital. Disponível em: < <https://www.cnvc.org/> > Acesso em: 15 ago. 2020.

ZEHR, Howard. **Trocando as Lentes: Um novo foco sobre o crime e a justiça**. São Paulo: Palas Athena, 2008.

* Agradecemos ao IFMG *campus* Ribeirão das Neves (IFMG/RN) pela concessão de afastamento integral da primeira autora para cursar o Doutorado em Psicologia na UFPA e desenvolver a pesquisa da qual se origina este artigo.